

## BAUXITA E OUTROS MINÉRIOS

Manoel Hygino

“Abrem, rasgam, arrebentam a terra para as florestas perecerem sob as primeiras, primeiras estradas”.

Editou-se, em 2016, a *Antologia Escritores da Língua Portuguesa - III*, programada para autores de nosso versículo em países que não o falam. No terceiro volume, os textos, curtos, em prosa e verso, têm versões em alemão, e os lançamentos foram no 1º Salão do Livro de Lisboa, no 3º Salão do Livro de New York e, ainda, no de Montreal, no Canadá.

Antes de entrar propriamente no assunto, cabe uma palavra sobre Jô Ramos, a organizadora do trabalho, jornalista, editora-chefe da revista “Lapa Legal Rio”, diretora da ZL Comunicação e fundadora do Movimento Defesa da Mulher, que se empenha pelo fim da violência contra mulheres no mundo.

Seguindo o caminho de outras iniciativas bem sucedidas na promoção de jovens escritores de escolas brasileiras e portuguesas, Jô promoveu um primeiro encontro literário em Lisboa, participou do Stand Brasil Mágico da Feira do Livro de Londres e do 2º Salão do Livro de Nova York.

Pois a Antologia, já no volume terceiro, aparece com alguns autores mineiros – embora a predominância dos do Sul brasileiro, o que é natural, se se considerar que a publicação se fez em português e alemão. Entre os de cá, estão Blenda Bortolini Barros, de Belo Horizonte, que vive em Genebra (Suíça), após estudar filosofia na PUC Minas; Else Dorotéa Lopes, de Nova Lima, professora e contadora de histó-



ria, vinculada a entidades devotadas às Letras e à História em sua cidade e Sabará; Willian Anacleto Figueiredo, de Caratinga e residente em Governador Valadares, engenheiro civil; e Astrid Rosa, artista plástica com formação em Educação Artística, que estudou no Conserva-

tório Lorenzo Fernandes, de Montes Claros, e passou pela escola de arte de Felicidade Patrocínio. Ora, morando em Nova York, participa do Latin Cultura.

Os tradutores para o alemão foram Ebal Sant' Anna Bolacio Filho, M. A. pela Universidade de Frankfurt, e Naya Holdampg, for-

mada pela Universidade de Passau. Em meio a grande número de escritores brasileiros poucos conhecidos aliás, surge Aricy Curvello, de Uberlândia, já assaz conhecido em nosso país e traduzida sua poesia para o espanhol, francês, inglês e italiano.

A organizadora escolheu para a antologia um poema de Aricy, que já o trouxera da progressista cidade do Triângulo Mineiro e do seu retiro em Jacaraípe, Espírito Santo, para as páginas de publicações fora do Brasil.

O poeta, mais uma vez, está presente com seu “O Acampamento”, uma joia de poesia, elaborada quando o autor trabalhava em Porto Trombetas, Norte do Pará. Uma descrição vívida e forte da Amazônia brasileira.

É uma descrição e advertência naquela ininterrupta extração de minério: “Não me disseram a morte próxima da orquídea e do rato silvestre, aldeias de ninhos. Abrem, rasgam, arrebentam a terra para as florestas perecerem sob as primeiras estradas. Os homens não buscam a luz do rio. Querem apenas bauxita, bauxita, bauxita, - e alumínio. O Governo quer alumínio, ferro, ouro, cobre, cassiterita, chumbo, níquel. Aqui, até aqui, o horror veio tecer diademas de injúrias, meu salário”.

**Manoel Hygino é escritor, jornalista, membro da Academia Mineira de Letras e colaborador do jornal Hoje em Dia, de Belo Horizonte (MG).**

# Grito de Silêncio

Rosani Abou Adal



Março é o mês da Poesia, Mulher, Livrinhos e Bibliotecários. Dedicamos a edição à poeta Eunice Arruda, amiga e colaborador do LV, que faleceu na madrugada de 21 de março, no fechamento da edição. Mês que vem daremos mais destaque. Por enquanto fica apenas nosso **minuto de silêncio** e a publicação do poema *Erro*, na página 6, de sua autoria: "Edifiquei minha / casa sobre a / areia / Todo dia recomeço".

São comemorados os dias do Bibliotecário (12), **Mundial da Poesia** (21), Internacional das Mulheres (8), Nacional da Poesia e Nacional dos Animais (14).

Vale lembrar que o Dia Internacional da Mulheres foi instituído porque, em 8 de março de 1857, em Nova York, operárias têxteis grevistas foram trancadas num galpão e, após um incêndio na fábrica, 130 mulheres morreram carbonizadas. Reivindicavam redução da jornada de trabalho de 16 para 10 horas por dia. Recebiam salário três vezes menor que dos homens.

Inúmeras foram as conquistas das mulheres, mas a luta continua. Ainda temos muito que pleitear. As novas regras da Previdência, que estão sendo articuladas pelo governo atual, poderão colocar nossos direitos na cotangente.

As mulheres, aqui, representam todos os seres humanos.

Fica ainda nosso protesto pela crueldade dos donos do poder para com os animais indefesos que, presos em gaiolas, são usados para contrabando, em testes de produtos consumistas e de laboratórios em prol da ganância dos homens.

Dedicamos a edição a todos os profissionais que vêm contribuindo para a construção de um futuro melhor, de um país mais digno de se viver. Justas homenagens aos animais que nos ensinam humildade, aos livreiros, mulheres, bibliotecários e poetas, que através da palavra e dos livros, transformam e constroem um mundo melhor.

Deixamos, também, nosso grito de silêncio contra a PEC da Previdência que poderá retroceder nossos direitos no túnel do tempo.

**Rosani Abou Adal é jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.**

**LINGUAGEM VIVA**

**Assinatura anual: R\$ 100,00**

**semestral: R\$ 50,00**

**Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255**

**linguagemviva@linguagemviva.com.br**

**LINGUAGEM VIVA**

Periodicidade: mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

# Dia da Mulher

Hilda Mendonça da Silva

**Q**uase Meia-Noite, Maria Rita cozinha seu feijão, lava pratos, marmitas, faz o arroz, a abóbora, a carne seca. Prepara marmitas.

Dois horas da manhã, Maria Rita faz sua oração. Duas e trinta, Maria Rita vai dormir. Sono bom, benfazejo.

Cinco horas da manhã, Maria Rita se levanta, prepara o café, o desjejum, as Marmitas para os que se levantam daqui a pouco tomem o café, comam bolo de fubá feito por Maria Rita e vão pro roçado do patrão.

Seis horas da manhã; Maria Rita faz oração. O dia começa.

Sol desponta atrás da serra. Maria Rita limpa a casinha humilde e vai carpir a horta, cuidar das galinhas, dos porquinhos de engorda, lavar roupas, buscar lenha no mato.

Chega a tarde, Maria Rita prepara as trocas de roupas, faz comida para os que voltam. Às seis horas Maria Rita serve a janta, lava louça, limpa cozinha, arruma camas.

Quase Meia-Noite, Maria Rita cozinha seu feijão, faz o arroz, a abóbora, a carne seca e tudo se repete.

Dois horas vai se deitar mas a dor lhe impede o sono, dor doída, dor nos "quartos"

Nada de dormir, cinco horas faz tudo se arrastando. Marido se assustou, nunca a vira se queixar de nada. Não vai trabalhar. Põe o burro na carroça, leva Maria Rita pro médico do Posto de Saúde dar um jeito.

Dor doendo mais com o sacolejo da carroça na estrada buraquenta.

Enfim, o Posto de Saúde, a fila enorme, o proserio do povo que espera e a dor aumentando. Maria Rita ali é só mais uma.

Dois horas depois é chamada para fazer a ficha.

A moça com ar de fastio pergunta:

- Nome da senhora? - Maria Rita.

- De quê? - Do Coração de Jesus. -

Qual a sua idade? - Ando pelos quarenta.

- Qual a profissão da senhora??... - Sua profissão? - A senhora tem algum emprego?

- Não senhora.

- Ah, não trabalha.

E vem mais espera, por fim o médico:

- O que a senhora está sentindo?

- Dor nos quartos, doutor. Aqui, oh!

- Ah, na coluna, é a idade, (Ela parece bem mais velha do que é) a senhora está um pouco acima do peso, pegue aquela fila ali, vão lhe aplicar uma injeção para a dor mas a senhora precisa se movimentar mais, diminuir o peso.

Maria Rita olha a fila, pensa na injeção, na idade, no peso, sai.

Lá fora o marido a espera. Pensa que a mulher foi medicada. Novo sacolejar da carroça, dor, dor e Maria Rita chega em casa, vai pra horta buscar plantas para fazer um chá. Amanhã vai procurar uma benzedeira para costurar o "jeito dos quartos".

**Hilda Mendonça da Silva é escritora e membro da Associação Nacional de Escritores.**



TRABALHAMOS COM:

- CASAMENTOS
- ANIVERSÁRIOS INFANTIS
- DEBUTANTES
- BATIZADOS
- ENSAIO PRÉ CASAMENTO
- NEWBORN (RECÉM NASCIDOS)
- CATALOGOS
- EDITORIAS DE MODA
- FOTOGRAFIA DE PRODUTOS

- FOTOGRAFIA DIGITAL
- FILMAGEM DE ALTA DEFINIÇÃO
- FOTO-LEMBRANÇA
- ALBUM FOTOGRAFICO (FOTO-LIVRO)
- ESTÚDIO FOTOGRAFICO
- RETROSPECTIVA

PHOENIX FOTO & VIDEO  
PARANÁ - SP

[www.phoenixfotovideo.com.br](http://www.phoenixfotovideo.com.br)

[facebook.com/phoenixfotovideo](https://facebook.com/phoenixfotovideo)

[contato@phoenixfotovideo.com.br](mailto:contato@phoenixfotovideo.com.br)

T.: 11 3266-5569 | C.: 11 97582-9752

## Odette Mutto e a narrativa cortante da condição humana

Angelo Mendes Corrêa e Itamar Santos

Conforme bem acentuou o escritor Caio Porfírio Carneiro, Odette Mutto "... sabe, como poucos, recriar a realidade da vida, em dimensão de arte, quase num passe de mágica."

Formada em odontologia, Odette começou a escrever ainda muito jovem e publicou seu primeiro livro, *Quinze mais um*, prefaciado por Afonso Schmidt, em 1960. A ele sucederam-se *Alienação* (1984), *Bandido* (1987), *Retrato do tempo inteiro* (1991), *Marca de nascerença* (1998), *O Russinho* (2003) e *Viva o Brasil* (2016), além de colaborações nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Linguagem Viva* e *O Escritor*.

Quando a descoberta da leitura?

Alfabetizada aos seis anos, já sai lendo um jornal semanal italiano, no idioma original.

Que autores considera centrais em sua formação?

Ernest Hemingway, William Somerset Maugham, Machado de Assis.

E a pulsão da escrita, em que fase da vida se deu?

Aos onze anos.

Em *Quinze mais um*, seu livro de estreia, publicado em 1960, é possível observar personagens esmagados pela dinâmica da vida. Em seus livros posteriores, eles retornam com larga intensidade. Correto dizer que na gênese da escritora há desencanto com a condição humana?

Desencanto não. Análise real da condição humana, da vida.

Considera-se mais realizada no conto ou no romance?

Escrevo conto e romance empurrada por um impulso interior, não sei se sou realizada em algum deles.

*Retrato do tempo inteiro*, seu primeiro romance, com intenso realismo, traz a saga de uma imigrante italiana em terras brasileiras. Ao escrevê-lo, houve o intuito de homenagear a força daqueles que ajudaram a construir a pujança da capital paulista, no século XX?

*Retrato do tempo inteiro* é um acerto de contas entre uma imigrante italiana, analfabeta e idosa, e seu entorno familiar. Ao escrevê-lo, não pensei em homenagear ninguém.

*Marca de nascerença*, seu segundo romance, novamente seguindo cortante realismo, trata dos conflitos motivados pela sexualidade do protagonista. O que a levou a tratar do tema?

*Marca de nascerença*, romance verídico, doeu muito em mim pela sorte do protagonista.



A cidade de São Paulo, nos anos 1940, cenário de "O Russinho", publicado em 2003, é fotografada com seus tipos humanos. A observação do cotidiano da cidade em que nasceu e sempre viveu a influenciou na construção do romance?

A cidade de São Paulo não me influenciou quando escrevi o *O Russinho*, ela é apenas o lugar onde os fatos ocorreram.

Seu livro mais recente, *Viva o Brasil...*, mostra ao leitor muitas de nossas mazelas sociais e o país paradoxal que ainda somos. Algum antídoto para isso?

Vi os primeiros migrantes nordestinos chegarem, em 1950, na Estação da Luz, São Paulo, trazendo seus poucos pertences embrulhados em lençol desembarcando de paus de arara. Passaram sessenta anos e hoje muitos deles estão empurrando carrocinhas (tração humana) para catar lixo. Não dá para ver e não dizer nada.

Novos projetos literários em gestação?

R. Sim. Escrever é mais forte que a minha própria vontade. Então, vamos lá.

**Angelo Mendes Corrêa é professor, jornalista e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Itamar Santos é professor, ator, jornalista e mestre em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.**

## O TÍTULO DE UM LIVRO

Uma inquietação

Caio Porfírio Carneiro

Quando escrevi o romance *O sal da terra*, tema que aborda a vida dura e sofrida dos tarefeiros das salinas dos subúrbios de Fortaleza, hoje desaparecidas, permanecendo as grandes salinas do Rio Grande do Norte, intitulei o meu trabalho, difícil de realizá-lo, de *Sal verde*, porque assim chamavam o sal que estava sendo apurado nos cristalizadores. Ou seja: estava verde ainda e não maduro para ser recolhido. Tal fruta verde e fruta madura.

A Editora Civilização Brasileira, que o aprovou e lançou, sugeriu que eu mudasse o título, porque *Sal verde* era um tanto poético e se tratava de tema áspero e doído. Não encontrei outro. O escritor Luiz Toledo Machado, então vice-presidente da União Brasileira de Escritores, sugeriu-me o título um tanto bíblico de *O sal da terra*. Aceitei-o porque eu não saí da enrascada e o verde me perseguia. A editora concordou. Tirou uma bela edição de quatro mil exemplares, o meu saudoso amigo escritor João Antônio fez as orelhas e — desculpem — o livro "estourou" em venda e comentários favoráveis. Mas dentro de mim permanecia, espicaçando-me, o *Sal verde*, porque eu via, para além do título, o "demônio branco" nascendo e martirizando tanta gente com o cloreto de sódio.

Contei isso ao Renzo Mazzone, a poucos anos falecido, poeta e dono da Editora I.L.A. Palma, de Palermo, que lançou o livro em italiano. Ele, que traduziu tantos poetas e escritores brasileiros, vinha muito ao Brasil e ligou-se à União Brasileira de Escritores. Pensou no que eu disse, pensou, pensou, coçou o queixo, apontou-me o indicador em riste e decidiu:

- Pois em italiano o título do seu romance será *Sale verde della terra*.

Alcançou o título exato, que descia fundo o mundo branco salineiro: *Sal verde da terra*. Comovi-me. E com este título foi lançado, em bela edição.

No Brasil, novas edições se sucederam: duas seguidas, pela Edi-



tora Ática, e a quarta, com capa expressiva e excelente divulgação, pela Editora LetraSelvagem, do escritor Nicodemus Sena, sediada em Taubaté, São Paulo. O livro chegou, em resumo, ao árabe. Todos com o título original — *O sal da terra*. Foi tema de estudo em Boulogne e traduzido para o francês, mas ainda não publicado. Duas adaptações para o cinema e não filmado, por vários motivos, particularmente o financeiro. Nesse caminhar tortuoso segue o livro, sempre com título original de *O sal da terra*.

Vendo aqui, à minha frente, um exemplar da edição da editora LetraSelvagem, sinto saudade do que me disse, dedo em riste, o saudoso editor italiano Renzo Mazzone: "O título é *Sale verde della terra*" Ou seja: *Sal verde da terra*. Encolho os ombros. Fazer o quê? Um livro com dois títulos?

Vai, livro meu! Você continua verde, cumprindo o que afirmou Pedro aos Gálatas: "Tornei-me, por ventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?". E exclamava negro Valério, tarefeiro: "Salina é caiada como cemitério." E continua verde aos que o acolherem e o acolhem favoravelmente.

Conforta.

**Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.**

## O aprendizado dos sentidos na construção poética

**Lina Tâmega Peixoto**

**H**esito em escrever este texto pelos aspectos desconcertantes que a escrita conduz e pelas perfeitas e ingênuas contradições com a vida que ele invoca. Penso expor à clareza de que forma, única e particular, as experiências da infância se firmaram como elementos construtores de meu processo criativo. As lembranças distanciam-se da solidão para que eu saiba onde me encontro. “A solidão guarda-me por compaixão/ das miragens que crepitam nos festins da vida” e lembra que as “Claras incertezas e insensatas esperanças / seguram a rédea que mantém à superfície / as lendas da vida, em seus limites longos.” Preciso envelhecer o presente para recriar as coisas que se escondem dentro de mim e que resistem às delicadas sutilezas da imaginação, no fazer-se obra literária. No caminho que se estreita, “Piso descalça histórias envelhecidas / no ranger das tábuas.”

Todo o passado da poesia é uma palavra que se soletra nos sentidos. O passado não é fugaz, persiste em gestos, acontecimentos, relações, desordem, ternura, contemplação, virtudes e na percepção de que se habita um espaço de ideias e de sonhos, onde imitamos as linguagens do espírito. Assim, o assombro da memória transforma-se em voos que se deslocam em todas as direções do mundo visível.

Preciso fazer um desenho da menina que fui para que possua a realidade de antes. A cada esforço, o tecer as linhas parece feito por

outra menina, “esperando que apareça / a moça encoberta / pela minha saia comprida.” Algumas experiências da infância foram essenciais ao desenvolvimento de minha linguagem poética e às tensões das imagens que as alimentavam. Há a vontade de entendê-las à luz do sol, mas, também, recorro às sombras que preenchem os pedaços do tempo e dissipam o excesso do maravilhamento de formas, sons, significados, símbolos e alma, assim como o da força muscular da palavra incerta, insólita, mas excepcional, que se dilui em tonalidades de claro-escuro e ideias de firmamento e chão raso, porque se reconhece que “o poema devasta o esconderijo da vida.”

A infância representa a simbólica Babel de transformações, sensórias, afetivas, e de abstrações do espírito em seu triunfo intelectual, aspectos que estimularam a formação do tecido do meu corpo poético. Acredito, apoiada nos ensinamentos de alguns teóricos, como Walter Benjamin, que o que rememoramos se torna mais importante e essencial do que a vida que se viveu. Há, portanto, um tempo dimensionado entre mim e minha infância, um tempo que decompõem com ambígua e alegre disciplina amorosa. Deste modo, “Engendo ruídos do acaso, labirinto de mitos, / geografia da carne, remendos da infância” e “reduzo a distância de antes e a de agora / para cercar o nosso tempo / à superfície do abandono”.

### Primeiro prefácio

Minha mãe, em uma manhã de conversas com amigas, contou que eu havia mamado na joaninha. Escutei isto em profundo silêncio, em-

purrrando a imagem para um poço de aturdido mistério e fascínio. Só, fui à horta ver a mãe-de-leite. Segurei-a, com delicadeza, revirando seu corpo à procura das tetas por entre os curtos pelinhos pretos da barriga. Onde a rugosa perfeição dos seios? Onde a criança que acreditava nos rumores do sonho? “Busco a indigência dos sentidos, / cavo espaços enfermos na beleza e indormidas ruínas na comunhão do êxtase.” “Recolho os devaneios que ...os olhos são poços da infância / que molham e guardam o olhar.” Angustiada e com medo do engano e perplexa pela ilusão do real, perguntei à minha mãe, como fora possível eu ter mamado numa joaninha. Ela riu muito e, me afagando a cabeça, me revelou que Dona Joaninha, a mulher que morava defronte à nossa casa, havia me amamentado por uma semana. O estranhamento de antes se transformou no sopro da vida possível de ser inventada e carreguei a infância feliz para dentro de um casulo, onde me abriguei, com mansidão e sofrimento, e me transformei em solidão e poesia.

A imagem da joaninha representou meu primeiro gesto de desconcerto da evidência do mundo e ordenou, na infância, um especial modo de penetrar na realidade a matéria do sonho e de fabricar o paradoxal, o estranho, o insólito na construção da geometria de meus versos. Penso que segreguei desta experiência o flexível, a recusa à racionalidade em sua dimensão de gravidade e peso, me ajustando com ternura e fúria, à incoerência da vida. E a este reino conquistado pude, enfim, dizer: “Ah, grisalha natureza do acaso / intumescença seus estames / antes que se queime, para sempre / o êxtase crispado desta solidão. / De mim.” Percebo um tecido maternal

nos meus versos quando me entrego à imagem da joaninha, esta “pequena sílaba da memória”, “esta massinha de alma / passeando pela couve”, e que “por ser tão luminosa, grácil e bela, / ninguém sabe dizer, nem mesmo os anjos, / o que faz esta órfã da infância / ter o sol dentro do corpo / e iscas de rubis pescando o sol-posto.”

### Segundo prefácio

Em incerto tempo, tinha dificuldade na leitura de um livro, pois era-me difícil a tarefa de engatar as palavras umas às outras para compor o claro fio do entendimento. Criava armadilhas para prender os significados, como num ritual de magia. Punha-me, por exemplo, atrás da porta, debaixo da cama, sentada no peitoril da janela, pois acreditava que havia uma relação mágica entre a postura do corpo e a compreensão da obra literária. “Lia em voz alta o livro / para que o corpo das palavras / lhe desse forma de moça,” “no esforço de ler, / as palavras atritam as juntas,” “Os ruídos misturam as palavras / empoleiradas no varal do mundo.” “Curvo-me sobre a noite / e tento encontrar palavras / para dormir comigo” Mas o enigma do entendimento era uma lasca de sombra, apenas um tom de majestade na voz, aspectos que pensava serem capazes de abrir a palavra, fechada em um mundo sem nome. E “que nome [eu dizia] se domestica/para fazer-se eterno /no comando da vida?” “Será a palavra /luminária de um pretérito / signo mais que perfeito / de um espaço cúmplice e indecifrado? Ou “será a sombra desta palavra / que transita sob o poema?” A infância “Remenda com madrepalavras / e gaios ramos de flores / as intrincadas leituras humanas / para que as frases consumam / sua própria substância e aroma.”

## Vendemos

**Diccionario De La Literatura Cubana,**  
redactora: Marina Garcia, corrector: Jesús Delgado  
(Editorial Letras Cubanas - Ciudad de La Habana, Cuba,  
1980, Instituto de Literatura Y Linguística de La  
Academia de Ciencias de Cuba, Tomos I e II).

**Quiénes escriben em Cuba - Responden los narradores,**  
de Jorge L. Bernard y Juan A. Pola, Editorial Letras Cubanas,  
Ciudad de La Habana, Cuba, 1985, 592 páginas.

Reúne biografias e entrevistas.

Ilustrado com fotos e assinaturas dos autores.

Tel.: (11) 97358-6255 - [rosaniadal@gmail.com](mailto:rosaniadal@gmail.com)



## deságua nas mãos de Francisco Inácio Peixoto

### Terceiro prefácio

Dispondo da interpretação da coisa narrada foi possível graças a um acontecimento que julgo circunscrito a um espaço mítico. Uma menina canta alguma coisa. Súbito, entra-lhe no canto palavras sobre um boi no quadrado. A imagem deste boi, sozinho no alto do morro, dentro de um quadrado de arame farpado, visto há muitos anos atrás, solta-se de sua prisão e vem ser o lamento da tristeza retido nos ossos da sua solidão.

Esquecida a música, por instantes, fica o poema. A percepção do mundo que me havia sido doada, foi um deslumbramento que me sufocou de alegria e paixão, e gritei na entrega de minha vida: "estou salva". A partir daquele momento, a poesia segurou a minha mão, vesti-me de rendas e esmeraldas, penteou meu cabelo, calçou-me os sapatos; deu-me colares de amor para ver o que era cambiante e infinito; tornou a inventiva um devaneio, lúcido e coerente; armou os símbolos do tempo e da morte; mostrou o espelho angular em que se refletem os nítidos fragmentos da linguagem; enxugou o excesso do calor das impressões, físicas e mentais, e articulou, racionalmente, a desordem do pensamento.

A minha entrega ao poema, "O boi no quadrado", me deu a noção do aspecto mágico da linguagem. O que me vinha à alma era a sensação da unidade ascensional que o mistério articulava no meu tatear o mundo, enquanto exclamava: "...não mexas no boi" "...não batas no boi / que o boi quer dormir / sonhando que a noite / subindo das noites / sobelhe nas costas. / E lá se vão eles / o boi e a noite / atrás da saudade."

Rosário Fusco, com quem, anos mais tarde, conversava sobre o ofício de escrever e sobre o papel que Cataguases devia retomar no campo da literatura brasileira, tomou conhecimento desse poema e sugeriu modificações, o que recusei, até com certa violência, pois não podia modificar o corpo mítico do poema. Recebi de Fusco, do mesmo modo de que outros escritores - e aqui destaco meu tio e Hernâni Cidade - estímulos e conselhos para o exercício do escrever. Incentivaram, também, o sonho meu e de Francisco Marcello Cabral em editar uma revista literária, o que se concretizou nos anos

1948-1949, com *Meia-Pataca*. Acrescento a esta breve menção histórica, o nome de Marques Rebelo, cujo apoio se fez tão essencial e relevante, que sem ele teria sido quase impossível existir a revista.

### Escritura

Quando a poesia se fez um campo, onde o imaginário desvelava a realidade, em gozo e beleza, e a palavra era um desafio no transpor as experiências de vida em consciente linguagem poética, busquei a presença de Francisco Inácio Peixoto, meu tio. Foi ele o meu primeiro leitor e crítico.

Cataguases, na década de quarenta, movia-se em arte, num lajejar de ideias, projetos e produções de cunho artístico. Não cabe nesta narrativa enumerar a modernidade, comandada por Francisco Inácio Peixoto, no esforço e trabalho em recriar a sua cidade, pelo estímulo à construção do Colégio de Cataguases, aquisição de quadros e esculturas para compor o acervo do futuro Museu de Arte Moderna, incentivo às atividades literárias, intelectuais e estéticas dos novos escritores, cineastas, pintores, atores ou aos apaixonados pelo fazer outras formas artísticas, cercadas pelos pespontos de desejo, de delírio e de astúcia. Sua figura avultava sobre este universo pluralmente de realizações artísticas e representava o eixo central do imaginário simbólico de Cataguases. Ainda hoje, sua memória interfere no pensamento e nas ações em que se fundamenta o contexto político da cidade, em suas múltiplas vertentes culturais.

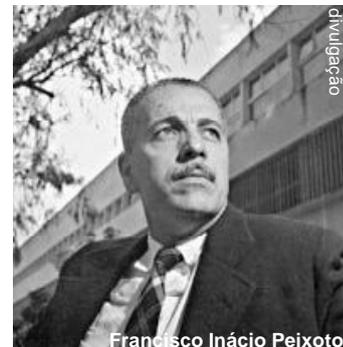
Devo a Francisco Inácio Peixoto meu aprendizado primeiro na construção do poema e no amadurecer as algemas da realidade. À noite, era para sua casa que me dirigia, tremendo os poemas na mão, pensando se haveria um peso excessivo nos versos, mesmo que fosse o de palha ou de nuvem. Sentava no chão, junto à espreguiçadeira, belíssima, azul e branca, obra de Tenreiro, onde meu tio se recostava, após o jantar. Entregava-lhe meus poemas manuscritos e o ouvia reclamar, sempre, da dificuldade da leitura, pelas letras, bambas e tortas. Era um longo silêncio este encontro de poesia caminhando na mão inquieta de meu tio que, às vezes acompanhada de murmúrios, esmagava com o dedo uma vírgula

caída de mau jeito, tocava a palavra contraditória e ingênua ou apontava a sintaxe dúbia. E depois, vinha a voz, com cruel doçura, me dizer que, apesar destes cascalhos, o poema tinha um certo frescor e secreta substância onírica, e, portanto, era bom. Era com este adjetivo que expressava sua aprovação. Ao escutar o veredito, ultrapassava o tempo, pulava as cercas da escuridão e me entupia de alegria e emoção.

Em outras ocasiões, me aconselhava a guardar o poema na pasta E isto, para mim, apontava o descuidado ajuste da inteligência criadora e a vulgarização da beleza, sensações que me causavam ansiedade e dúvidas. Explicava-me que esquecer o escrito representava o necessário distanciamento para que, posteriormente, pudesse olhar os versos como um objeto a ser reconstruído pela linguagem em sua plenitude de sedução.

Relembro seu jeito de inclinar a cabeça sobre o papel e o bigode costurado em cima da boca pelo reflexo da luz que vinha do spot no teto. Mostrava-se atento às minhas inquietações em lidar com o exercício difícil da construção do poema que exigia rupturas, cortes, remendos até que, reconstruído pelo espírito criador, se firmasse na página, em equilíbrio e silêncio. Suas palavras reforçavam ser necessário o conhecimento das forças estilísticas e estruturais da linguagem, a fim de receber o pensamento poético, mais rico e elaborado em suas imagens e signos.

Eu conhecia sua importante participação no movimento modernista brasileiro com a publicação de *Verde* e havia lido muito de sua rica e expressiva produção literária. Avulta sobre tudo isto a ressonância do



Francisco Inácio Peixoto

afeto de meu tio, o familiar aconchego à emoção estética, em exigir de mim o que estava confinado, em crepuscular promessa, para se romper em arrebatamento poético. É com o coração que escrevo sobre sua presença em minha vida familiar e literária. Dou a ele meus quinze anos de idade com suas estranhas e impetuosas imagens, nascidas das experiências da infância e a elas acrescento muitos anos no alcance do lento e sofrido aprendizado da literatura.

Agradeço a meu tio, Francisco Inácio Peixoto, ter-me ensinado a transformar as formas nebulosas de minha expressão poética em nítidas estrelas.

Quando publiquei meu primeiro livro, recebi dele uma carta, onde dizia: "Sempre gostei de sua poesia, onde encontro uma linguagem mágica que me entenece. Desde os vagidos iniciais, você nunca me desmereceu."

Nota: os versos transcritos neste artigo pertencem às obras: *Algum dia*, *Entretempo*, *Dialeto do corpo*, *Água polida*, *Prefácio de vida* e *Os bichos da vô*.

**Lina Tâmega Peixoto é poeta, escritora, professora universitária e membro do PEN Clube do Brasil.**



**Dr. Djalma Allegro**

**Dra. Ana Martha Ladeira**

**Advocacia Trabalhista Especializada**

**Tels.: (11) 3393-7164 - 3393-7165 - adjaladv@gmail.com**

**Rua do Bosque, 1589 - Cj. 301 - São Paulo - SP**

## Professorado Empresarial Homenageia João Barcellos

**Fernanda Marques**

**P**rofessorado de diversas áreas do conhecimento que são, também, empresários na indústria e no comércio, reuniram em Embu das Artes para homenagear o luso-brasileiro João Barcellos por sua atividade lítero-histórica.

O evento, que contou com o apoio de outros integrantes do Grupo de Debates Noética, aconteceu numa chácara particular. Na celebração de João Barcellos / 30 Anos De Serviços Ao Brasil, a professora e editora portenha Tereza Nuñez, portadora da mensagem geral, disse que "[...] a presença de João Barcellos na América Latina reforça uma lusofonia estritamente sociocultural. Este luso-brasileiro trouxe até nós a poesia e o espírito desbravador da pesquisa histórica ofertando-nos em livro obras de uma qualidade irretocável, mesmo quando trata de assuntos tecnológicos, porque a sua vida literária é vivida entre a poesia, o jornalismo e o conteúdo científico [...], e tê-lo entre nós é uma dádiva da lusofonia". Em seu agradecimento, o escritor e conferencista afirmou estar "...ciente das dificuldades de dar à estampa uma literatura e uma ação editorial diferenciadas, mas o que consegui nestes 30 anos foi uma vitória pessoal



divulgação

João Barcellos

e dos grupos alternativos de cultura. É difícil viver da escrita, mas é o que faço e neste empenho vai o meu abraço a quem chega no terreiro para iniciar outra era".

João Barcellos coordena as coleções "Debates Paralelos" e "Palavras Essenciais", ambas com 12 volumes, com parcerias da editora Edicon (no Brasil) e do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (em Portugal), além de dirigir a revista "Impressão & Cores", de conteúdos tecnológicos no âmbito da Comunicação Visual, e preferir palestras sobre Política e Filosofia, Poesia, Literatura Técnica e História.

Embu das Artes, Brasil-Março de 2017

**Fernanda Marques (Professora e Serigrafista) // gd Noética**

## Despedida no Asilo

**Djanira Pio**

A velha mastigando nada, apertou a mão da filha. Não conseguia soltar e a filha precisou puxar, com firmeza, a sua mão. O carro partiu e se transformou em uma mancha escura, aos olhos cansados da velha.

Pessoas se aproximaram solidárias e a filha amada já era só uma vaga lembrança.

Djanira Pio é escritora, poeta e contista.

## Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 soninhaabou@gmail.com

## ERRO

**Eunice Arruda**

Edifiquei minha  
casa sobre a  
areia

Todo dia recomeço

**Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.**

## Lembrança

**Maria Beatriz Sayeg Freire**

Dentro dos lares  
ao redor da mobília muda  
de secretas histórias  
no murmúrio escultural de ontem.  
Trajetos magnéticos  
que vão dar em outra era.  
Frestas repentinas  
de luz e treva  
se agitam  
no sobressalto dos descompassos.  
Gestos automáticos  
órfãos de propósito  
agora.

A tudo permeia  
com suas lanças  
sem alvo definido na memória,  
insaciada e comovida.  
Paradoxal presença  
que pelo reverso  
do nada,  
persiste  
reluzente em cada canto.

Tudo morre  
nos campos do futuro.

**Maria Beatriz Sayeg Freire é poeta, escritora, médica e professora universitária.**

## Flor batizada

**Débora Novaes de Castro**

Menina dengosa,  
dos laços de fita,  
dize o teu nome,  
Daniella, Magali,  
Ana, Maria, Soraya,  
dize-o, festiva,  
com gosto de amora,  
Ana Paula, Rosani,  
Elvira, Dináura?

Menina de tranças,  
da face formosa,  
dize o teu nome,  
Delma, Thaís,  
Neusa, Andreia,  
dize-o depressa,  
o tempo tem pressa,  
enreda teus sonhos,  
sonhos de amor.

Menina feitiço,  
ébano, lírio, canela,  
se por capricho  
e mimos de flor,  
não dizes teu nome  
de flor batizada,  
na natureza,  
teu nome é  
M u l h e r!

Dia Internacional da Mulher  
8 de março

**Débora Novaes de Castro é membro da Academia Cristã de Letras-SP, Academia Paulista Evangélica de Letras-SP, União Brasileira de Escritores-SP, Academia de Letras, Artes e Ciências do Brasil, Mariana -MG, Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, Mariana-MG, entre outras.**



## Tino Music

Professor de Música

Cavaco - Violão - Teclado - Guitarra

Metodologia de ensino diferenciada com aulas em domicílio

[www.tinomusic.com](http://www.tinomusic.com)

(11) 95138-2402 - 99114-8659

# Concursos

**Concurso Literário XVIII Dulcinea**, promovido pela Casa de Castilla-La Mancha Regional, está com inscrições abertas para textos narrativos escritos em castelhano até dia 16 de maio de 2017.

Os interessados poderão inscrever trabalhos inéditos, em quatro vias, com no mínimo de cinco folhas DIN A4 e até 10 de face única, e espaçamento duplo. É obrigatório uso de pseudônimo.

Inscrições: "REGIONAL CASA LA MANCHA". C / Las Armas, localmente-125. 50003 Zaragoza.

Premiação: 300 € (trezentos euros).

Regulamento: <http://www.casaregionalcastillalamanzazaragoza.es/premio-literario-dulcinea>

**Prêmio Literário Ferreira de Castro de Ficção Narrativa** (romance, novela e conto), promovido pela Câmara Municipal de Sintra, para obras inéditas escritas em português, está com inscrições abertas até dia 28 de abril de 2017.

Autores de países de língua oficial portuguesa poderão inscrever originais, em três vias, com o limite de 350 páginas e com espaço duplo. É obrigatório uso de pseudônimo.

Premiação: €5.000,00 (cinco mil euros) e a edição da obra pela Câmara Municipal de Sintra com tiragem de mil exemplares.

Regulamento e informações: <http://www.cm-sintra.pt/premio-literario-ferreira-de-castro>

Inscrições: Secretariado do Prêmio Ferreira de Castro de Ficção Narrativa - Rua Consiglieri Pedroso, n.º 34 - 2710-550 Sintra - Portugal.

**Prêmio Literário José Luís Peixoto**, promovido pela Câmara Municipal de Ponte de Sor, destinado a cidadãos residentes em países de língua oficial portuguesa, está com inscrições abertas para contos inéditos até dia 28 de abril de 2017.

Os interessados poderão enviar até dois trabalhos, em quatro vias, tamanho 12.

Premiação: 1000,00 euros.

Informações e regulamento: <http://www.cm-pontedesor.pt/link-util-3>

**Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa**, realizado em parceria do Itaú Cultural, destinado a livros publicados em língua portuguesa, em versão impressa e digital em 2016, nas categorias Poesia, Romance, Conto, Crônica e Dramaturgia, está com inscrições abertas até dia 30 de abril de 2017.

Premiação: O 1º colocado de cada categoria receberá 100 mil reais; o 2º colocado 60 mil reais; 3º colocado 40 mil reais; e o 4º colocado 30 mil reais.

Informações e regulamento: <http://www.itaucultural.org.br/oceanos/2017/apresentacao>



# Livros

**Cercanias**, poemas de Yeda Prates Bernis, edição da autora, Belo Horizonte, MG, 76 páginas. A obra foi editada em comemoração ao aniversário de 90 anos da escritora.

Yeda, diplomada em Letras Neolatinas na PUC-MG e membro da Academia Mineira de Letras, foi agraciada com o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras, com a obra *O Rosto de Silêncio*, em 1992; com o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 1967, com *Entre o Rosa e o Azul*; entre outros importantes prêmios. Três de seus poemas foram musicados por Camargo Guarnieri, sob o título *Tríptico de Yeda*.

Segundo Márcio Sampaio: "Mas é também aí que sua poesia, feita de delicadas filigranas, ancorada no alubrimento das revelações que a poeta retém dos vestígios dos dias, se abriga no nicho da permanência, sobrepõe ao tempo da memória a experiência antecipada do futuro."

Yeda Prates Bernis: yedabh@yahoo.com.br



**Brisas Esparsas**, poemas de Maria de Lourdes Alba, Chiado Editora, 98 páginas, Coleção Prazeres Poéticos, Portugal, R\$ 30,00. A obra também está disponível no formato Ebook: R\$ 9,00. ISBN: 978-989-51-8742-3.

A autora é poeta e jornalista. Tem poemas traduzidos para o espanhol e italiano. Foi agraciada com Menção Especial pela Academia Mineira de Letras com o livro *Gotas na Face*. Na Itália foi premiada com o poema *Pássaro*, em 2006, e com o poema *Quebra Gelo*, pela Academia Internazionale II Convivio, na Sicília, em 2015. Tem 11 livros publicados no Brasil. No Exterior: *Al redor de las horas*, no Uruguai (2008) e *Intorno alle ore*, Itália (2012).

A obra reúne 38 poemas e dois textos curtos em prosa (*Antigas fotos e a Pedra da beira do rio*). Os poemas revelam a sensibilidade e seus sentimentos da autora que fluem através dos versos ricos em harmonia.

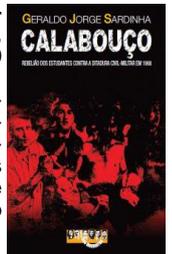
Chiado Editora: <https://www.chiadoeditora.com/livraria/brisas-esparsas>  
Maria de Lourdes Alba: [albalou@uol.com.br](mailto:albalou@uol.com.br)

**Calabouço – rebelião dos estudantes contra a ditadura civil-militar em 1968**, de Geraldo Jorge Sardinha, Edição do Autor com apoio do Núcleo dos Irredentos, 80 páginas, São Paulo, R\$ 40,00. ISBN: 9788592203306.

O autor fez parte da diretoria da FUEC - Frente Única dos Estudantes do Calabouço. Esteve presente e comandou, durante a programada invasão do Calabouço - restaurante popular criado no governo de Getúlio Vargas para atender estudantes carentes -, em 28 de março de 1968, um grupo de estudantes que protestavam contra o alto preço da comida.

Durante a invasão, o comandante da tropa da PM, aspirante Aloísio Raposo, atirou e matou o secundarista Edson Luís com um tiro a queima roupa no peito. Sardinha conduziu em seus braços o corpo de Edson Luis, com os estudantes em passeata, até a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde seu corpo foi velado. No período que se estendeu do velório até a missa na Igreja da Candelária foram mobilizados protestos em todo País - um dos principais contra a Ditadura Militar.

Livraria Expressão Popular: <https://expressaopopular.com.br/loja/>



## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...



### Antologias:

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

**Opções de compra:** Livraria virtual **TodaCultura:** [www.todacultura.com.br](http://www.todacultura.com.br)

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



João Almino

**João Almino**, embaixador e escritor, foi eleito, no dia 8 março, para ocupar Cadeira nº 22 da Academia Brasileira de Letras que pertenceu a Ivo Pitanguy. João Almino nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1950. Autor dos romances, *Ideias para onde passar o fim do mundo*, *Samba-Enredo*, *As cinco estações do amor*, entre outras obras. *Exerceu o cargo de diretor do Instituto Rio Branco*. Foi agraciado com Medalha de Ouro no Curso de Preparação à Carreira Diplomática do Instituto Rio Branco, bacharel em Direito pela UERJ e Mestre em Sociologia pela UNB. Defendeu tese de doutorado em História Comparada das Civilizações Contemporâneas, em 1980, pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, de Paris, sob a direção do filósofo Claude Lefort. Ensinou na UnB, na Universidade Nacional Autónoma do México e nas universidades de Berkeley, Stanford e Chicago.

**Maria de Lourdes Alba** lançou *Brisas Esparsas*, poemas, pela Chiado Editora, no dia 21 de março, terça-feira, às 19 horas, na Livraria Martins Fontes, Av. Paulista, 509, em São Paulo.

**Carlyle Popp**, autor catarinense radicado em Curitiba e conhecido nacionalmente nas letras jurídicas, lançou o romance *O senhor na minha história*, pela Editora InVerso.

**O X FESTIVAL DE POESIA FALADA DO RIO DE JANEIRO**, promovido pela APPERJ - Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro, está com inscrições abertas, até o dia 10 de agosto de 2017, para até três poemas, digitados em língua portuguesa, com no máximo 30 linhas. [www.apperj.com.br/regulamento\\_festival\\_poesia\\_falada\\_rj.htm](http://www.apperj.com.br/regulamento_festival_poesia_falada_rj.htm)

**Domício Proença Filho**, Presidente da Academia Brasileira de Letras, lançou, pela Editora Rocco, *Leitura do texto, leitura do mundo*.

**Luiz Schwarcz**, co-fundador da Companhia das Letras, foi agraciado com o International Excellence Awards (Prêmio de Excelência Internacional), que é destinado a profissionais da indústria editorial fora do Reino Unido. A láurea foi entregue no dia 14 de março, primeiro dia da Feira do Livro de Londres.

**A nova diretoria da CBL** - Câmara Brasileira do Livro - realizou a primeira reunião no dia de 14 de março de 2017. O presidente Luís Antonio Torelli, reeleito no dia 21 de fevereiro, apresentou os eixos norteadores da gestão que começaram ser implementados através do novo organograma. Foram apresentadas as novas comissões de trabalho e os projetos da entidade, com ênfase nas metas a serem cumpridas.

**Hélio de Seixas Guimarães**, professor livre-docente na Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq, lançou *Machado de Assis, o escritor que nos lê* - estudo do autor que reconstrói quatro figuras de Machado de Assis -, pela Editora da Unesp.

**Nélida Piñon**, Secretária-Geral da Academia Brasileira de Letras, participará da 43ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, que será realizada de 27 de abril a 15 de maio, na Argentina.

**Mary Beard**, escritora e historiadora, lançou, pela Editora Planeta, *SPQR: uma história da Roma Antiga*.

**Wilson Alves-Bezerra** lançou *Páginas latino-americanas: resenhas literárias (2019-2015)*, pela Editora da Universidade Federal de São Carlos (EdUFSCar) em co-edição pela Oficina Raquel.

## Notícias

**Rio de Versos**, projeto coordenado pelo poeta Sady Bianchin, que abriga a Exposição Internacional de Poesia Visual IMAGÉTICA, com curadoria de Tchello d'Barros, promovido em parceria com a FACHA-Faculdades Integradas Hélio Alonso e o CCB/Rio, será realizado de 15 de março a 17 de abril, de quarta a segunda, das 9 às 21 horas, no Centro Cultural Banco do Brasil, Rua Primeiro de Março, 166, 4º andar - Centro, no Rio de Janeiro. O evento apresenta 70 obras de poetas visuais de 22 países, exposição, palestra, mesa-redonda e a performance *Passaporte Poético* (aos sábados, às 17h30). Os artistas brasileiros que participam são Almandrade, Al-Chaer, André Sampaio, Cláudia Lima, Constança Lucas, Fátima Queiroz, Fernando Gerheim, Gab Marcondes, Gastão Debreix, Hugo Pontes, Joaquim Branco, Jorge Ventura, Marcelo Mourão, Renato Gonda, Ronaldo Werneck, Ricardo Alfaya, Tamara Chagas, Sady Bianchin, Silvio Prado, Tchello D'Barros e Tetsuo Takita.

**Hélio de Seixas Guimarães**, professor livre-docente na Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq, lançou *Os leitores de Machado de Assis - o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, pela Editora da Unesp.

**Melhores crônicas Luís Martins** foi lançado pela Global Editora em homenagem aos 110 anos de nascimento do escritor, jornalista, crítico de arte e cronista do *Estadão* Luís Martins (1907-1981). O prefácio e a seleção da edição é de Ana Luisa Martins.

**Arno Wehling**, historiador, advogado, ensaísta e professor, foi eleito, no dia 9 de março, para ocupar a Cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras que pertenceu a Ferreira Gullar. Doutor em História e Livre Docência em História Ibérica pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Universidade do Porto. É autor de *Os níveis da objetividade histórica*, *Documentos Históricos brasileiros*, entre outros.

**Geraldo Jorge Sardinha** lançou *Calabouço - rebelião dos estudantes contra a ditadura civil-militar em 1968*, no dia 25 de março, às 14 horas, no Memorial da Resistência, Largo General Osório, 66, em São Paulo.

**Ílliam José**, escritor, historiador e membro da Academia Mineira de Letras, faleceu no dia 23 de fevereiro em Belo Horizonte (MG). Nasceu em 9 de fevereiro de 1921, em Visconde de Rio Branco. Exerceu o cargo de secretário Municipal da Prefeitura de Visconde de Rio Branco e de chefe de gabinete na direção da Imprensa Oficial. Autor de *Efemérides da AML* que aborda a história da Academia Mineira de Letras.

**SESI-SP Editora** lança a *Co-leção Sombra*, destinada ao público juvenil a partir dos 12 anos, que abriga romances, novelas e contos de autores nacionais e estrangeiros, novos ou consagrados, clássicos ou contemporâneos.

**Guido Bilharinho** publica em sua página no facebook, toda quinta-feira, um novo capítulo de *Brasil: Cinco Séculos de História*. <http://www.facebook.com/Brasil-Cinco-S%C3%A9culos-De-Hist%C3%B3ria-596464293875721/?fref=ts>

### LIVRARIA BRANDÃO



Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier de Toledo, 234 Sobreloja República  
São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646  
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo  
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

